

## MORTE, CATIVEIRO E ESPADA NO EGITO – Jeremias 43,8-13

Maria Aparecida Corrêa Custódio

Para começar, é importante ressaltar o contexto em que se insere o texto de Jeremias 43,8-13: era um período histórico extremamente difícil para o povo de Judá, momento de medo, fuga e perseguição nos anos posteriores à invasão de Jerusalém e de Judá pelo Império Babilônico (597-587s aC). Portanto, o contexto nos coloca diante de uma situação de intervenção militar violenta, pois, ao que tudo indica, no Egito também se experimentou a morte, o cativo e a espada do rei Nabucodonosor (v. 10-11).

O cenário era Táfnis, cidade portuária do Delta do Nilo, localizada em uma região estratégica, sobretudo do ponto de vista econômico (v. 8-9). Táfnis era conhecida como ponto de referência para os fugitivos de Judá após o assassinato de Godolias (cf. Jr 2,16; 44,1; Ez 30,18).

Era um lugar importante no aspecto político, pois o texto nos informa que esta cidade abrigava a casa de um faraó, autoridade simbólica expressiva na história egípcia e do Antigo Oriente. Aliás, o Egito era um lugar teológico e afetivo para o povo de Israel, pois foi palco da chegada de muitos trabalhadores em busca de uma melhor qualidade de vida e também testemunho da saída de muitos que se libertaram do trabalho escravo (Ex 1,1–15,21).

Do ponto de vista simbólico e cultural, Táfnis era um lugar social de passagem, de interação cultural, de trocas comerciais, de vivências múltiplas, de variadas práticas religiosas e de cultos devocionais (v. 13). Conforme o texto, temos a notícia de haver uma Bet-Sames, isto é, uma “Casa do Sol”, provavelmente um templo de adoração da divindade masculina Ra, o deus Sol.

Em meio a esse contexto, a profecia atribuída a Jeremias aparece no estilo de prosa e está permeada por uma análise de conjuntura bem objetiva e contendo estimativas dolorosas a respeito da ação militar de Nabucodonosor no Egito. Mas veremos que também há um pouco de poesia no texto, ainda que reveladora de dor e de sofrimento (v. 11).

Olhemos agora a organização literária de Jeremias 43,8-13: o verso 8 exerce a função de “ponte” com os versos anteriores (v. 1-7) e introduz a “fala” de Javé dirigida a Jeremias. Todos os versos seguintes estão articulados em torno da palavra de Javé, a qual aborda a invasão da Babilônia. Os v. 11-13 tratam especificamente do exercício monárquico babilônico, destacando sua forma abusiva de chegar ao poder através da espada, do cativo e da destruição de templos religiosos.

Sumariamente, a perícopes pode ser visualizada a seguir:

- v. 8: introdução: anúncio da palavra de Javé a Jeremias;
- v. 9: palavras de Javé para Jeremias: orienta para uma ação que deverá ser executada pelo profeta;
- v. 10: palavras de Javé para a comunidade através da mediação de Jeremias;
- v. 11-13: palavras de Javé sobre a ação violenta de Nabucodonosor.

Os verbos hebraicos referentes à mensagem que deverá ser anunciada estão conjugados no imperativo, indicando um comando preciso e seguro da parte de Javé (“então veio a palavra de Javé a Jeremias, em Táfnis, *dizendo*” (v. 8); “e *dize-lhes*: Assim diz o Senhor dos Exércitos, Deus de Israel”, v. 10 a). O verbo que acompanha a palavra de Javé (“veio”) indica que seu significado básico é a ação de vir e entrar. É um verbo de movimento e seu sentido é a vinda da divindade como reveladora na profecia. Já o *dizer* é a introdução normal de um discurso, seja direto ou indireto, que tem como sujeitos personagens relevantes. Por isso, a idéia é de que há força de execução nas palavras de Javé, ou seja, aquilo que é anunciado realmente acontece porque Ele detém poder! Inclusive, no próximo verso, o grande e poderoso Nabucodonosor é remetido à condição de “servo”, subalterno, de Javé (v. 10).

Já os objetos simbólicos, dos v. 9-10 (“toma na tua mão pedras grandes, e esconde-as entre o barro no forno que está à porta da casa do Faraó em Táfnis, perante os olhos de homens judeus”), estão no âmbito do poder e do público. Parece estranha a idéia de o profeta cimentar um sólido estrado para o trono do invasor, à porta da casa de uma autoridade militar/faraó. E era preciso que o gesto fosse testemunhado pela comunidade, na vista de “homens judeus”, o que lhe conferia legitimidade.

Mas quem está no comando desta ação é o próprio Javé, o qual proclama uma palavra forte, precedida de um advérbio hebraico enérgico: “*eis que* eu enviarei, e tomarei a Nabucodonosor, rei de Babibônia, meu servo, e porei o seu trono sobre estas pedras que escondi; e ele estenderá a sua tenda real sobre elas”. O “enviar” pode ser entendido como envio de alguém para cumprimento de uma meta. Além de enviar, Javé “tomou” Nabucodonosor. Este verbo normalmente é usado para introduzir uma segunda ação mais importante. A ação de Javé, de tomar o rei, seria de buscá-lo para depois empossá-lo no trono do Egito.

De posse do trono, Nabucodonosor exerceu seu poder, cujas bases estão sintetizadas no v. 11, uma espécie de pequeno poema, em estilo simétrico. O verso diz que o imperador “ferirá” a terra do Egito, uma expressão metafórica e reveladora da experiência humana nesse episódio tido como algo que machuca e causa dor:

“quem para a morte, a morte;  
e quem para o cativo, o cativo;  
e quem para a espada, a espada”.

Não se trata de um pensamento passivo, de mera aceitação de uma situação “consentida” por Javé, mas parece não haver muita saída para as vítimas dessa situação:

morte, cativo e espada são as marcas do poder opressor que se auto-sustenta através de sua imposição cruel, lançando mão até de recursos ecológicos, como o fogo, para destruir e dominar.

A violência militar e o cativo atingirão também a dimensão cultural e simbólica, pois serão queimados os templos do panteão de divindades egípcias, núcleo simbólico de atribuição de sentido à vida religiosa politeísta daquela região, como anuncia o v. 12a: “e lançarei fogo às casas dos deuses do Egito, e ele os queimará, e os levará cativos”.

O v. 12b, “e ornar-se-á a terra do Egito, como veste o pastor seu vestido, e sairá dali em paz”, nos estimula a questionar o texto e interpretá-lo na “contramão”: um *pastor* como Nabucodonosor pode ser enquadrado na categoria de mau pastor. Este jamais conquistará a paz, a não ser que esta tenha uma conotação de silêncio involuntário e obrigatório, à moda dos toques de recolher e silenciar emitidos pela facção da marginalidade nas periferias das grandes cidades da América Latina.

E, por fim, o v. 13 vem em tom incisivo, apontando, talvez, uma imagem simbólica e mítica que deve ser combatida, as estátuas de Bet-Semes, “Casa do Sol”, consagrada ao deus Ra. E a última frase retoma a ação do v. 12: “e as casas dos deuses do Egito, queimará a fogo”.

À primeira vista, parece que o texto mostra certa concordância e alinhamento com a violência e a intolerância para com o universo religioso politeísta egípcio. Isso é visível na versão hebraica: Javé tomou a iniciativa de enviar e empossar Nabudonosor no Egito (v. 10); Javé incendiou os templos dos deuses do Egito (v. 12)<sup>1</sup>. Estariam Javé e Jeremias satisfeitos com a destruição das divindades do Egito?

De uma forma ou de outra, é bom frisar que o povo de Israel, no tempo da escravidão no Egito, conheceu não só o sistema sócio-político-econômico do Faraó, mas também suas fontes simbólicas de sustentação de poder. Ou seja, Faraó se mantinha no poder sendo protegido por suas divindades, inclusive se autoproclamava filho de “deus”. Subsidiado pelo imaginário popular que o obedecia quase como a um deus, Faraó concebia-se como detentor legítimo do poder em todas as suas variantes.

Por sua vez, o povo de Israel fazia questão de mostrar ao Faraó que servia unicamente e exclusivamente a Javé (Ex 5). Nesse sentido, a invasão babilônica atacaria uma cultura religiosa já conhecida e criticada pelo povo de Israel porque historicamente garantiu legitimidade para uma estrutura de poder opressor.

Contudo, para tentar fechar estas conjecturas, é preciso ainda dar uma olhada para a conexão de Jeremias 43,8-13 com Jeremias 43,1-7 e com o cap. 44 que lhe dá continuidade. Nesse sentido, a crítica de Jeremias 44 é dirigida aos judaítas que cultuaram Ishtar, a Rainha do Céu, a Grande Mãe do Egito, entre outras divindades.

Os versos que precedem a perícopes (v. 1-7) mostram o diálogo do profeta com a comunidade judaíta e a polêmica em torno da decisão de ficar em Judá ou ir para o Egi-

1. Na versão grega, o sujeito dessas ações é o imperador da Babilônia.

to. As conseqüências da segunda opção são apresentadas nos v. 8-13 e anunciadas já no v. 7 da perícópe anterior:

“eles entraram na terra do Egito, porque não escutaram a voz de Javé, e chegaram a Táfnis”.

Assim, já não se deveria esperar uma estadia tranqüila e feliz no Egito, livre do poder violento de Nabucodonosor. Além disso, mesmo sendo de uma religião monoteísta, não seria agradável para os judaítas presenciarem cenas devastadoras e violentas na subjugação do Egito e de suas divindades. Todavia, talvez a lição foi apreender algumas pistas para lidar com esta situação, as quais podem ser subentendidas no texto.

Ao invés de sofrer com amargura e com resignação, pode-se fazer uma *leitura do mundo*, na expressão da educação freireana, interpretando a realidade com criticidade e percebendo que, apesar da ação violenta empreendida por Nabucodonosor, Javé está presente no curso dos acontecimentos de forma ativa. É o Deus único e confiável que proclama sua palavra e dá sinais de que algumas decisões devem ser tomadas à luz de um olhar mais atencioso para com as conjunturas (v. 1-7), a fim de se evitar maiores transtornos e apuros (v. 8-13).

Esta pode ser uma recomendação valiosa para os tempos de hoje, marcados pela violência social, pelo poder abusivo do neoliberalismo, pelas incertezas políticas e pela intolerância religiosa. Oxalá, possamos confiar no poder que Javé nos concede para *ler a realidade* como sujeitos, colaboradores e protagonistas de *um outro mundo possível!*

Enfim, a construção literária do texto nos leva a pensar na espiritualidade do povo de Israel. Para a comunidade de fé, independente do caos social e político, o importante é ter Javé como Deus Supremo! Como diz o povo simples, “Deus é maior”: maior que a morte, maior que o cativo, maior que a espada dos imperialistas de todas as épocas!

Maria Aparecida Corrêa Custódio  
Rua Major Diogo, 722 – Ap.706  
Bela Vista  
São Paulo/SP  
01324-000  
religiao@claretsp.com.br